

Protagonismo na velhice: uma questão de identidade



Por Luiz Henrique Rey Klein

Rotineiramente se desqualifica o indivíduo idoso das mais diversas formas, seja diretamente, impedindo que façam atividades cotidianas quando ainda dispõem de plena capacidade, ou por meio do discurso preconceituoso, muitas vezes travestido de boas intenções.

Ao contrário do que praticamos, nenhuma pessoa quer ver sua autonomia e individualidade constantemente desrespeitada, especialmente os idosos que já veem seu poder aquisitivo diminuir ao longo dos anos, e a falta de representatividade na mídia, entre outros problemas.

Muitos desses indivíduos vivem um grande dilema, porque se sentem em plena forma, mas dificilmente conseguem se inserir no mercado de trabalho, após os 50 anos, sendo forçados a viver uma aposentadoria enclausurada ou sobreviver de favores em busca de uma renda mínima, com a qual mal consegue cobrir os gastos de uma vida digna.

Meu encontro com Neuza

Em uma das primeiras aulas da disciplina "Escutas virtuais da longevidade: vozes dos 60+ inscritas nas redes sociais" tive oportunidade de conhecer a bióloga aposentada Neuza Guerreiro de Carvalho, que deu seu testemunho de blogueira aposentada e ativa. No Blog ela escreve sobre a própria história e diversos assuntos de interesse. Para uma pessoa preconceituosa, a senhora de 87 anos poderia passar despercebida, mas basta um olhar atento para constatar o quanto ela é ativa e possui muito conhecimento para compartilhar.

Decidi, então, que gostaria de conhecer mais sobre sua história, o que ainda a motivava mesmo com o passar dos anos. Seu espaço virtual, [Blog da Vovó Neuza](#), é visitado por muitas pessoas e teve diversas inserções na mídia

tradicional, um merecido e raro reconhecimento entre as contribuições da terceira idade.



Neuza Guerreiro de Carvalho e a Profa. Ruth G. C. Lopes

Meu encontro com ela se deu em seu apartamento, no alto da Lapa, em São Paulo, um espaço simples, mas permeado de memórias. Ela faz questão de ser chamada pelo seu nome inteiro - Neuza Guerreiro de Carvalho - ou apenas o primeiro. Formada em biologia pela Universidade de São Paulo (USP), deu aulas durante 30 anos, e no início de sua aposentadoria, na década de 80, cuidou muito de familiares próximos, como o pai e a mãe.

Em 1995 começou uma tarefa que continua até os dias atuais e permeia a sua vida. Escreveu toda a história de sua vida baseada em antigos diários e outros relatos que tinha à disposição, o que a fez adentrar o mundo da tecnologia, com ajuda de um dos filhos e também por meio de um curso. Assim, construiu a árvore genealógica de toda a família, e trabalho ao qual voltaria anos mais tarde.

Em 2008 decidiu criar o *Blog da Vovó Neuza*, no qual compartilha muitos conhecimentos e relatos de uma vida intensa. Como professora foi sempre criativa, já fez corridas de baratas, tricô com bichos da seda criados na escola, e até fazia os alunos dizerem os nomes dos ossos do corpo, enquanto davam banho em “Joaquim”, o esqueleto de estudo da turma.

Seus textos falam muito sobre sua identidade, especialmente os que abordam o marido Ayrton e os objetos que fizeram parte de sua vida. A história dos dois

se cruza e confunde ao longo de cada linha, e sempre ligada a pessoas e objetos. Alguns deles podem ser vistos no blog, como: “Nossa vida com cachorros”, “Nossos quartos”, “Uma xícara também tem história” e muitos sobre ‘o sofá’, por onde passaram tantas pessoas, cheio de contos em seus braços. Em uma pequena história de seu blog ela conta tudo que existe dentro de um baú das memórias: - uma tesoura centenária, um furador, uma mala antiga e vários objetos que lembram seu amado Ayrton, como um boné, imagens do casamento e diários do namoro.

Ela sabe, como ninguém, que somos feitos memórias – individuais e coletivas - das pessoas que amamos e dos objetos que nos circundam. Além de participar do resgate de memórias autobiográficas, inspirada pelo Museu da Pessoa, ela também preza para que essas lembranças sejam preservadas. Em seu blog cita Ecléa Bosi (2003, p. 25) que afirma “há algo que desejamos que permaneça imóvel ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade, são nossos objetos biográficos”.

Em uma das histórias mais bonitas, Neuza conta como conseguiu, juntamente com ex-colegas, salvar a figueira da Alameda Glete e tombá-la como um patrimônio municipal de São Paulo. Após a demolição do palacete da Glete, que já foi espaço utilizado pela USP, a árvore ficou isolada em um estacionamento, cercada por carros, e corria sério risco de desaparecer com o tempo, a serviço de interesses privados. Afirma:

Convivi com a figueira durante os quatro anos importantes da minha vida, anos que me formaram profissionalmente, sempre a respeitei como ser vivo, como companheira calada e testemunha das aflições dos exames, dos relaxamentos pós-estudos, participante das conversas amigas.



Gletianos posam ao lado de figueira clonada

Com o aniversário de 450 anos de São Paulo, surgiu a primeira oportunidade de dar visibilidade à árvore, e iniciou-se um longo processo para pedir o seu tombamento municipal. Neuza plantou muitas mudas em sua vida, em casa e nas calçadas, mas aquela tinha um significado especial. Assim, com ajuda de outros 'gletianos' que se juntaram, conseguiram plantar um pequeno clone da árvore no campus a USP em 2006. O tombamento da figueira original, conseguido alguns anos depois, foi muito comemorado. Diz Neuza *“é com emoção que eu dou as boas-vindas a esses ‘figuinhos’, porque eles representam o resultado de muito trabalho de preservação da memória coletiva”*.

Para a bióloga, a memória coletiva é como novelo, que vai se desenrolando conforme alguém acha uma ponta.

Todo esse processo mostra como a “identidade” não é algo permanente ao longo da vida, e muitos pesquisadores têm adotado a ideia de que ela pode ser tão mutável como o meio em que vivemos. Afirma Ciampa (1998, p.88) que:

A identidade humana se dá como uma metamorfose, ou seja, o processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas. Esta é a questão central da psicologia social, de meu ponto de vista.

Afirma Neuza essa questão em sua visão biográfica:

Prefiro dizer, mais poeticamente, parafraseando Machado de Assis: - estou naquela idade inquieta e duvidosa/que é um fim de tarde/e começa a anoitecer. Tenho uma idade cronológica, uma idade fisiológica, uma idade mental-cabeça sempre funcionando a mil por hora - uma idade cultural, outra comportamental. Sou como um camaleão e me comporto conforme a situação.

Podemos considerar Neuza um 'ponto fora da curva', pois mesmo após o falecimento de seu marido, há 17 anos, continuou saindo, estudando e fazendo coisas que gosta. Assim, ela exemplifica essa identidade que se metamorfoseia entre as condições históricas e materiais. Após dar aula durante 30 anos, decidiu tirar um tempo para cuidar da família e em seguida começou a se atualizar mais no mundo tecnológico. Ela fala sobre sua vocação para ensinar e a necessidade de passar seu conhecimento adiante, mas admite que precisa ganhar um dinheiro extra, pois a aposentadoria não dá conta de suprir suas necessidades culturais.



Segundo Ciampa (1998), Marx, em sua teoria, afirmou que o homem começa a se distinguir dos demais quando produz seus próprios meios de subsistência. Consciente de que o trabalho social não era suficiente para caracterizar a vida humana, Habermas se valeu então de um novo conceito para chegar a uma definição mais precisa - separou o materialismo histórico em o “agir instrumental” e o “agir estratégico”. O primeiro se caracteriza pelo êxito na produção material desejada, enquanto o segundo também busca o êxito, mas na cooperação social.

Nesse aspecto, o “vir-a-ser-sujeito” está também subordinado ao outro, em especial no agir comunicativo, em uma dialética recíproca. No caso de Neuza, ela precisa trabalhar para produzir sua subsistência - agir instrumental e estratégico -, mas também quer repassar seu conhecimento adiante e ser reconhecida, produzindo sentido em suas ações - agir comunicativo. A bióloga continua a fazer cursos, é muito ativa e se utiliza do espaço na mídia para falar sobre seus conhecimentos. Infelizmente esse protagonismo na terceira idade não é muito valorizado socialmente, mesmo diante do contínuo envelhecimento demográfico.

É verdade que muitos idosos não buscam se adequar à nova realidade social, em especial a tecnológica, o que Ciampa (1998) denomina ‘metamorfose por reposição’, ou seja, a recusa em se adequar a novos paradigmas. No entanto, eles também não recebem estímulos, pois não encontram oportunidades no mercado de trabalho para o qual têm muito a oferecer, como afirmam Rozendo, Sterza e Rodrigues Correa (2010) no texto *Protagonismo político e social na velhice: cenários, potências e problemáticas*.

O governo até cede alguns espaços estatais para a manifestação pública dessas pessoas, mas a burocratização os torna limitados. No caso de Neuza, ela procurou seus próprios espaços com o blog e as aulas dadas na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), espaço concedido pela Universidade de São Paulo (USP).

A mesma pesquisa também destaca que o envelhecimento representa um declínio do papel social muito mais forte para os homens. No caso das mulheres, como a minha entrevistada, podem simbolizar a possibilidade de fortalecer e ampliar sua presença no espaço público, expandindo significativamente seu protagonismo. Segundo Rozendo, Sterza e Rodrigues Correa (2010, p. 46):

O avanço geral das mulheres no cenário social, em vários campos, como o da economia, da política, da cultura e da educação, mostra-se também significativo no segmento da velhice, fazendo-as ocupar um lugar de destaque no avanço do processo de participação dos idosos na vida social e de sua transformação em protagonistas.

Enquanto isso, Neuza aproveita todo o espaço conquistado para mostrar que ainda é capaz, que possui um conhecimento profundo para compartilhar e

também para contar a história da cidade ou dos objetos, como seu sofá de 60 anos:

Se o sofá falasse... poderia testemunhar milhares de tipos de beijos entrelaçados com suas almofadas macias; do primeiro beijo e do último beijo dos namorados e amantes; dos tiques nervosos de seus usuários, que por vezes destruíam suas palhinhas ou que propositalmente, ou ocasionalmente, ou descuidadamente, ou distraidamente jogavam bitucas de cigarros, papezinhos, restos de comida dentro de seus braços.

[...]

Se o sofá falasse... poderia nos dizer quantas bundas sentaram nele; bundas macias, bundas volumosas, bundas empinadas, bundas chatas, bundas pequenas, bundas grandes. Até poderia nos contar da imensa bunda que ficou entalada entre os braços de uma das poltronas.

[...]

Se o sofá falasse... poderia testemunhar duas bodas de ouro, uma boda de prata e dois casamentos. Poderia testemunhar inúmeros aniversários e festas de época. Se o sofá falasse... poderia nos dizer quantos amigos ficaram para trás e quantos ainda vem sentar sobre ele.



Sofá que sofreu muitas plásticas ao longo dos anos

Referências

BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória*. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CIAMPA, A.C. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. *Interações*. Vol. III, nº 6/ Jul/Dez, 1998. Disponível em: www.siid.ucdb.br/docentes/downloads.php?Dir=arquivos&File=140131.pdf. Acesso em 13 nov 2017.

ROZENDO, A; STERZA, J.J.; RODRIGUES, C. M. Protagonismo político e social na velhice: cenários, potências e problemáticas. *Revista Kairós Gerontologia*, 13 (1), São Paulo, junho 2010: 35-52. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4857/3438>

Data de recebimento: 05/12/2017; Data de aceite: 22/03/2018.

Luiz Henrique Rey Klein - Estudante de Jornalismo da PUC. Texto apresentado na disciplina eletiva do curso de Psicologia da PUC-SP - "Escutas virtuais da longevidade: vozes dos 60+ inscritas nas redes sociais", ministrada pelas professoras Beltrina Côrte e Ruth. C. Lopes, segundo semestre de 2017. E-mail: luiz_klein@outlook.com